

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS NO BRASIL

Luis González-Quevedo SJ

Introdução

Apresentar uma visão de conjunto sobre a situação dos Exercícios Espirituais (EE) de Santo Inácio de Loyola, no Brasil atual, exigiria uma pesquisa mais ampla do que a que, neste momento, podemos realizar. Entre as 250 Casas de Retiros ou Centros de Espiritualidade Inaciana de todo o mundo, elencados pelo CIS (Conselho de Espiritualidade Inaciana), 16 pertencem ao Brasil¹. Uma pesquisa completa deveria consultar, ainda, as mais de 400 Casas de Encontros e Retiros ou Centros de Treinamento, que poderiam acolher pessoas e grupos desejosos de um encontro mais profundo com Deus, seguindo a metodologia inaciana².

Não existe no Brasil uma Associação que reúna as Casas de Exercícios, como existe na Itália³, nem Encontros anuais de diretores das Casas de Exercícios administradas pela Companhia de Jesus, como fazem os jesuítas espanhóis. No entanto, constatamos que o interesse e a prática dos EE inacianos está crescendo no Brasil, especialmente entre os leigos.

¹ *Revista de Espiritualidad Ignaciana*, nº 100 (2002) 6-9.

² *Anuário Católico do Brasil*. Rio de Janeiro: CERIS, 2000, pp. 754-762.

³ A Federazione Italiana Exercizi Spirituali (FIES) reúne, desde 1964, as Casas de Exercícios da Itália, promovendo encontros e semanas de formação. Publica a revista *Tempi dello Spirito* e mantém um site na Internet: www.esercizispirituali.it.

A Companhia de Jesus, na Congregação Geral 34^a, prevê a expansão do “protagonismo apostólico dos leigos nas obras da Companhia” e se compromete a apoiá-lo⁴. As Comunidades de Vida Cristã (CVX) agrupam algumas centenas de leigos, em todo o país. Os Centros Loyola de Fé e Cultura cultivam a espiritualidade inaciana em algumas cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Juiz de Fora, Goiânia). E as Províncias jesuíticas do Brasil buscam formas de associar mais intimamente os leigos à missão apostólica da Companhia⁵.

O crescimento dos EE no Brasil vem ao encontro do novo contexto histórico da sociedade e da Igreja no Brasil. Nas últimas décadas, as comunidades cristãs e a Igreja Católica, no seu conjunto, conheceram uma intensa conscientização e mobilização político-social. Leigos e religiosos, sacerdotes e bispos participam da discussão dos grandes problemas da sociedade brasileira. Todavia, a democratização do país, após a ditadura militar, e a recente chegada do PT ao poder, com o inevitável confronto dos setores mais radicais, que sonhavam com um governo revolucionário, com os moderados, que pedem tempo para realizar as reformas possíveis, modificaram o panorama político nacional. O ambiente eclesial não é mais espaço privilegiado de contestação político-social; as CEBs, embora continuem organizando Encontros nacionais e regionais, perderam parte da sua força; a Teologia da Libertação continua sendo defendida em muitos Seminários e Faculdades eclesiais, mas sem o entusiasmo dos anos 70/80. Movimentos eclesiais de características mais conservadoras disputam com as Igrejas pentecostais a atenção das massas populares, de maneira especial nos Meios de Comunicação Social.

Neste contexto, cresce em setores eclesiais a demanda por espiritualidade sólida, que ajude a discernir a vontade de Deus, em um mundo em acelerado processo de mudança. No final dos anos 60, Gustavo Gutiérrez apontava a espiritualidade inaciana como especialmente apta para responder aos desafios do continente latino-americano. A partir do Concílio Vaticano II, muitas coisas mudaram na Igreja e no mundo, como lembrava o próprio Gustavo Gutiérrez, na “Conferência sobre o Cristianismo na América Latina e no Caribe” (São Paulo, 28 julho a 01 agosto de 2003). Naqueles anos, surgiu o tema da “opção preferencial pelos pobres”. Depois, as dificuldades cresceram, muitos abandonaram a causa de Jesus e traíram a esperança dos pobres. Mas a Igreja e a sociedade latino-americana, no seu conjunto, deram passos importantes. O sangue dos nossos mártires jesuítas (João

⁴ “Decreto 13: Colaboração com os leigos na missão”, em: *Decretos da Congregação Geral XXXIV...1995*. São Paulo: Loyola, 1996, pp. 225-239.

⁵ Cf. “Vinculação Apostólica de leigos(as) com a Companhia de Jesus”, *Itaici. Revista de Espiritualidade Inaciana*, n° 51 (2003) 98-99.

Bosco Penido Burnier, Rutilio Grande, Luis Espinal, Ignacio Ellacuría e companheiros...), o trabalho dos nossos Centros Sociais, até a presença cristã no Fórum Social Mundial mostram que “um outro mundo” e uma outra Igreja são possíveis.

É a nossa convicção, confirmada pela experiência, que a redescoberta da genuína metodologia dos EE e o crescimento da prática destes, especialmente por parte dos leigos, contribui, significativamente, para a construção desse outro mundo e dessa outra Igreja. Porque o momento atual exige, por um lado, uma espiritualidade capaz de cultivar valores alternativos à cultura dominante. Por outro lado, precisamos preservar as comunidades cristãs da sedução de doutrinas e práticas espiritualistas e esotéricas, de grande apelo popular, por reação à secularização crescente da sociedade técnico-científica. E a espiritualidade inaciana, solidamente enraizada nos EE, preenche ambos os requisitos.

Os Exercícios Espirituais entre a ascética e a mística

Na linguagem teológico-espiritual tradicional, distingue-se entre “Ascética” e “Mística”. Na mística, a iniciativa é unicamente de Deus, cabendo à pessoa espiritual, apenas, uma atitude de acolhida “passiva” ou receptiva. A ascética designa o esforço humano para se dispor ao encontro com Deus, por meio dos métodos de oração, mortificação e cultivo das virtudes.

Os EE de Santo Inácio foram sempre considerados eminentemente ascéticos e não místicos. O próprio nome “exercício” (em grego, *askesis*) o indica. O ambiente espiritual do século XVI reforçou, nas primeiras gerações de jesuítas, a atitude de suspeita diante das formas de oração mística. O quarto superior geral da Companhia de Jesus, Everardo Mercuriano, promulgou um decreto em que restringia a leitura dos místicos Tauler e Ruusbroec, por temer que a busca de gostos sensíveis, na contemplação, prejudicasse o zelo apostólico característico da espiritualidade inaciana. Ainda no século XVI, dois eminentes jesuítas espanhóis foram suspeitos de desviar-se do espírito próprio da Companhia, por praticarem e ensinarem formas de oração mais contemplativas/afetivas do que meditativas/racionais.

Pe. Antonio Cordeses SJ (1518-1601), antigo Provincial das Províncias de Aragão e de Toledo, foi advertido por dois Superiores Gerais da Companhia, por ensinar a “oração afetiva”, que não seria própria da espiritualidade inaciana. São Francisco de Borja lembrou-lhe que a Companhia tinha como guia, em matéria de oração, os EE. Igualmente, o sucessor de Borja, o já citado Pe. Mercuriano, escreveu-lhe que

não convinha ensinar aos jesuítas oração diferente daquela dos Exercícios. Cordeses defendeu-se, dizendo que apenas tentava ajudar os que sentiam dificuldades para meditar, e que não se afastava dos Exercícios, pois nestes se recomenda deter-se naqueles pontos em que se encontre mais gosto e fruto espiritual⁶.

Pe. Baltasar Álvarez SJ (1533-1580) foi confessor de Santa Teresa de Jesus, em uma época decisiva na vida da santa reformadora do Carmelo. Dentro da Companhia, exerceu cargos de responsabilidade (Reitor, Mestre de Noviços, Instrutor de Terceira Provação). No entanto, sentiu-se chamado à oração de silêncio ou “quietude”, como preparação para a contemplação infusa. Seus superiores ficaram preocupados. A Inquisição acabava de condenar as doutrinas e práticas quietistas dos *alumbrados*. Baltasar Álvarez teve que enviar um relatório do seu modo de orar ao Geral Mercuriano, que lhe mandou ater-se ao modo de orar próprio da Companhia, isto é, dos Exercícios. Tanto Cordeses como Baltasar Álvarez acataram inteiramente as orientações dos seus superiores⁷.

Porém, depois da publicação do *Diário Espiritual* de Santo Inácio, ninguém mais pode duvidar de que Inácio foi um autêntico místico. No estudo que dedicou ao Diário Espiritual, Joseph de Guibert conclui que a espiritualidade inaciana “não é (...) um puro ascetismo estreito e seco, mas uma mística de serviço de Deus por amor, no seguimento de Cristo”⁸.

Certamente, os tempos mudaram. O racionalismo do século XVIII, a crítica radical do século XIX e a explosão da secularização, no século XX, marcaram fortemente a cultura moderna e pós-moderna. Nietzsche dizia que a leitura diária do jornal tinha substituído as preces tradicionais na sociedade alemã do seu tempo. A cultura globalizada da sociedade de informação não favorece a prática da oração formal, nem o olhar contemplativo sobre a vida, como nos convida o inaciano “sentir e saborear as coisas internamente” (EE 2).

Hoje, podemos afirmar tranquilamente que os EE são não apenas ascéticos, como também místicos. Os Exercícios inacianos visam ao objetivo final de toda mística: a união com Deus. Todavia, esta união não é buscada através da *fuga mundi* da antiga tradição monástica, mas através da entrega à missão, a serviço do Reino. A mística inaciana não é uma mística sponsal, como a de Santa Teresa de Jesus e de São

⁶ M. RUIZ JURADO, “Cordeses, Antonio”, in *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús, biográfico-temático*. vol. I. Roma-Madrid: 2001, pp. 952-953.

⁷ M. RUIZ JURADO, “Álvarez, Baltasar”, in *idem*, pp. 91-93.

⁸ J. de GUIBERT, *Saint Ignace Mystique d'après son Journal Spirituel*. Toulouse: 1938, p. 80, extrait de la *Revue d'Ascétique et de Mystique*, XIX, (1938) 3-22 pp.113-140.

João da Cruz, mas uma mística de união a Cristo na ação; não é uma mística de elevação, como a de São Boaventura, mas uma mística de encarnação, de inserção no mundo, para colaborar com Cristo na salvação da humanidade.

Para Inácio, a oração não é um fim em si mesma, mas um caminho de busca e encontro com Deus. Este caminho, sempre inacabado, não conduz ao êxtase da contemplação mística, mas à “contemplação na ação”. Inácio sabia, por própria experiência, que para “encontrar a Deus em todas as coisas”, é necessário “vencer a si mesmo e ordenar a própria vida” (EE 21). Por isso, seus EE são declaradamente ascéticos e discretamente místicos. Ascéticos, na sua veste externa, e místicos, no seu núcleo mais secreto. O exercitante deve decidir ou reformar sua vida na presença do mistério insondável do Deus que se revelou na humanidade de Jesus.

A redescoberta dos exercícios espirituais

Por ocasião dos 450 anos da aprovação oficial da versão latina do livro dos EE, um congresso internacional, realizado em Loyola, tratou das fontes dos EE. Circunstâncias providenciais possibilitaram que, nos EE de Santo Inácio, confluíssem as diversas correntes da tradição espiritual do Ocidente cristão: a tradição monástica, com seu método da *Lectio divina*; a tradição franciscana, com sua oração afetiva, cheia de ternura e encantamento pela humanidade de Cristo; os novos métodos da *Devotio Moderna*...⁹

Por sua vez, a espiritualidade inaciana influenciará toda a espiritualidade cristã posterior. Pio XI¹⁰ proclamou Santo Inácio padroeiro de todos os EE e das obras relacionadas com eles e iniciou o costume de promover, durante a quaresma, o Retiro Anual da Cúria Romana. O Código de Direito Canônico prescreve ao clero a prática anual de EE ou Retiro (não necessariamente inaciano)¹¹. O mesmo é previsto na imensa maioria dos Institutos de vida consagrada e em muitos movimentos eclesiais.

⁹ J. PLAZAOLA, SJ (ed.), *Las Fuentes de los Ejercicios. Actas del Simposio Internacional (Loyola, 15-19 septiembre 1997)*. Bilbao: Mensajero, 1998. Uma boa síntese em: X. MELLONI, *Los Ejercicios en la tradición de Occidente* = EIDES, 23, Barcelona: EIDES (Escola ignaciana d'espiritualitat), 1998.

¹⁰ PIO XI, *Constituição Apostólica Summorum Pontificum*, 25 julho 1922.

¹¹ O cânon 246 manda que os seminaristas “façam cada ano os exercícios espirituais”, e o cânon 1039: “Todos os que vão ser promovidos às ordens dediquem-se aos exercícios espirituais, ao menos por cinco dias”. No antigo Código (1917), a duração era de seis dias. Cf. *Código de Direito Canônico*. Notas e Comentários: Jesús Hortal, SJ. São Paulo: Loyola, 1983.

Tamanha universalidade teve, inevitavelmente, um preço: os EE perderem, em grande parte, o seu caráter original. Ninguém duvida da necessidade de adaptação dos EE ao tempo, ao contexto sócio-cultural e à situação concreta daquele que os faz. Mas até onde se podem adaptar sem perder a sua identidade inaciana? Um bom conhecedor dos EE indica três requisitos mínimos, para que os EE possam considerar-se “inacianos”¹²:

1 - Os EE inacianos se caracterizam pela prática da *oração* como relacionamento consciente com um Tu. Deus não é apenas uma idéia, mas Alguém que nos ama. É o nosso Criador e Senhor. Ele tem um plano de amor, um projeto de salvação para toda a humanidade. O Deus dos EE não é o Deus dos filósofos, mas o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de Jesus. Os EE são cristocêntricos. A demorada contemplação dos mistérios da vida de Cristo Nosso Senhor deve obter como fruto o conhecimento interno do Senhor, para amá-lo mais e segui-lo com maior generosidade. O Mistério insondável de Deus se fez carne, na humildade, na pobreza e no esvaziamento do Cristo. As adições, a oração preparatória e os preâmbulos da oração, bem como o colóquio final, mostram a seriedade e o cuidado com que Inácio encara esta relação com a “divina Majestade”, que se nos revelou na vida histórica de Jesus de Nazaré.

2 - No processo dos EE inacianos é essencial, também, o *exame* ou revisão da oração e da própria vida do exercitante. O exame da oração nos leva a observar e discernir as “moções espirituais” (= aquilo que se move no nosso interior). É próprio dos EE valorizar a experiência espiritual subjetiva, como lugar de encontro com Deus. Se a oração não provocar alguma moção de “consolação ou desolação”, Santo Inácio desconfia que o exercitante não está fazendo bem os EE (cf. EE 6). Estes pretendem atingir a vida concreta do exercitante, ajudando-o a descobrir nela a vontade de Deus. Em lugar de discutir questões teológicas ou pastorais, quem faz os EE deverá “investigar e perguntar em que vida ou estado sua divina Majestade se quer servir” dele (EE 135,4) ou como “emendar e reformar a própria vida e estado” (EE 189,4).

3 - Finalmente, não há EE inacianos sem o *confronto* daquele que os faz (o “exercitante”) com aquele que os dá (o “orientador”). A relação entre ambos ajuda a confrontar o que o exercitante sente no seu íntimo com a fé objetiva da Igreja. Aquele que dá os EE é uma

¹² I. IGLESÍAS, “Mínimos ‘ignacianos’ de los EE leves (anot. 18), con tres anexos”, *Manresa*, 74 (2002) 41-52. Outros autores, especialmente os de língua inglesa, advertem contra uma interpretação “fundamentalista” do texto inaciano. Cf. P. CEBOLLADA, “Dar y hacer los Ejercicios”, *Estudios Eclesiásticos*, vol. 69, n° 271, (1994) 471-501.

testemunha, ao serviço da relação do “Criador com a criatura e da criatura com seu Criador e Senhor” (EE 15). O orientador dos EE inicianos não é um “professor” que ensina, mas um acompanhante que escuta, anima a caminhar e alerta para os possíveis desvios do caminho. Mais importante do que a erudição bíblico-teológica, é o testemunho pessoal daquele que dá os EE, sua experiência de discernimento dos espíritos e sua capacidade de empatia com aquele que os faz¹³. Uma religiosa humilde explicava por que preferia fazer EE com determinado orientador: “Outros me instruem, ele me faz rezar”.

Na prática dos EE no Brasil, antes do Concílio Vaticano II, predominaram os “Retiros pregados”, não sem bons frutos de conversão. Em 1923, o Pe. José Manuel Madureira (1865-1928) iniciou a obra dos EE, no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, RJ, com Retiros para as elites. Entre os freqüentadores destes Retiros, figuravam nomes ilustres, como o fundador do Centro Dom Vital, Jackson de Figueiredo, o escritor Alceu Amoroso Lima (“Tristão de Atayde”) ou o Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras. Este último deixou constância da sua conversão, atribuída ao Pe. Madureira, no livro *Ascensões da alma*¹⁴.

Nos anos 30, o Pe. Irineu Cursino de Moura (1893-1941), Diretor da Federação das Congregações Marianas, chegou a reunir mais de 2.000 congregados no Retiro de Carnaval, em São Paulo. Em 1936, foi inaugurada, no Rio de Janeiro, a Casa de Retiros Padre Anchieta (CARPA), que continua prestando bons serviços à Igreja.

No Nordeste do país, outro Diretor Nacional das Congregações Marianas, o Pe. Antônio Monteiro da Cruz (1899-1992) pregou, durante cinco décadas, EE para médicos. Em Retiros de 8 dias, dedicava duas meditações ao tema do inferno. Na sua velhice, Monteiro da Cruz queixava-se: “Hoje, não se pregam mais os EE de Santo Inácio. Hoje, só se pregam Retiros bíblicos. Os EE são ascéticos!”

No Sul, foi notável a contribuição do Pe. Géza Kövecses (1921-1967) à renovação dos EE. Orientou muitas vezes os EE de 30 dias e publicou uma tradução portuguesa do livro dos EE, com notas que são úteis até

¹³ Entre os primeiros jesuítas, Santo Inácio destacava quatro companheiros, como orientadores de EE: Fabro, Salmerón, Domenech e Villanueva. Este último era um homem de origem rural, de saúde fraca e pouca capacidade para o estudo. Todavia, Francisco Villanueva tinha muito bom juízo e uma grande força de vontade. Dedicou-se ao ministério dos Exercícios, em Alcalá de Henares, de 1543 a 1557, e obteve um sucesso apostólico extraordinário. Cf. H. BERNARD, *Essai historique sur les Exercices Spirituels de Saint Ignace, depuis la conversion d'Ignace (1521) jusqu'à la publication du Directoire (1599)*. Louvain: 1926, pp. 105-109.

¹⁴ P. A. Maia, *Crônica dos Jesuítas do Brasil Centro-Leste*. São Paulo: Loyola, 1991, pp. 37-40.

o dia de hoje. Como diretor espiritual dos estudantes da antiga Faculdade de Teologia Cristo Rei, hoje Centro de Espiritualidade (CECREI), em São Leopoldo, RS, servia-se dos seus conhecimentos de Psicologia¹⁵.

No imediato pós-Concílio Vaticano II, o conteúdo bíblico e teológico-espiritual dos EE foi atualizado. Depois, houve uma redescoberta da força da metodologia original dos EE. O Pe. Nadal, homem de confiança de Santo Inácio, dizia que a originalidade dos EE não reside no seu conteúdo, tirado da Sagrada Escritura e da grande tradição da Igreja, mas na sua metodologia. Esta pode ajudar a todos os cristãos que busquem uma maior intimidade com Deus e uma maior entrega à evangelização do mundo. Prova disso é que, hoje, há pessoas de outras Igrejas cristãs que se sentem atraídas pelos EE¹⁶.

No final dos anos 60, a Casa de formação da Província do Brasil Central, no bairro Itaici, do município de Indaiatuba, SP, tornou-se Casa de Retiros e Encontros. Desde então, acolhe a Assembléia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Em 1989, foi fundado o Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici (CEI-Itaici), com equipe mista, biblioteca e revista especializadas¹⁷. Hoje, o CEI-Itaici tornou-se centro de referência, em matéria de espiritualidade inaciana. Um grupo de jesuítas, religiosas e leigos garante intensa programação anual, na Casa de Retiros da Vila Kostka, com 216 apartamentos, além de Retiros em outras casas e nas paróquias. No presente ano, o Retiro quaresmal elaborado pela equipe, com treinamento dos coordenadores, atingiu bom número de comunidades eclesiais do país.

O trabalho do CEI-Itaici torna-se multiplicador, pelos seus cursos de capacitação de orientadores e acompanhantes de EE. Atualmente, são muitos os leigos que fazem EE orientados por leigos. Além do crescimento de EE para leigos, é justo consignar que os EE anuais continuam ajudando a sustentar a vocação e missão de muitas religiosas, seminaristas e padres. Os cursos de formação e atualização organizados pela CRB-Nacional (CETESP e CERNE) costumavam terminar com a prática de um Retiro em silêncio, geralmente seguindo a metodologia inaciana.

¹⁵ L. SZILAS, “Kövecses, Géza”, in *Diccionario histórico...* vol. III, pp. 2220-2221.

¹⁶ Cf. U. TISSOT, “Pourquoi saint Ignace séduit les réformés? Les Exercices dans leur dimension œcuménique”, *Christus*, n° 198 (2003) 226-233; P. REPO, “Ejercicios Espirituales ignacianos en Finlandia”, *Manresa* 74 (2002), pp. 44-50. O CEI-Itaici promove, anualmente, um Retiro ecumênico.

¹⁷ Itaici. Revista de Espiritualidade Inaciana (revistaitaici@apoiocom.com.br). A equipe sustenta, também, uma revista eletrônica (www.itaici.org.br).

Diversas modalidades de exercícios espirituais inacianos

Na Igreja existe uma grande variedade de “exercícios espirituais” e práticas de piedade cristã. Os EE inacianos são apenas um ramo, embora solidamente inserido, na frondosa árvore da vida da Igreja. Hoje, acrescentam-se, ainda, as práticas tomadas de outras religiões (como a meditação zen), da psicologia (Diário Intensivo de Proffoff, Eneagrama...), da medicina preventiva ou saúde integral, etc. Aqui, recolheremos, apenas, diversas modalidades de EE inacianos.

1. Exercícios completos, de 30 dias seguidos (EE-30). É a forma recomendada pela anotação 20 do livro dos EE, por garantir a máxima concentração, no mais completo retiro. No Brasil, tais EE oferecem-se, em primeiro lugar, aos noviços e às noviças daqueles Institutos religiosos que têm por costume fazer os EE-30, já no Noviciado: a Companhia de Jesus, a Sociedade do Verbo Divino (Verbitas), os Missionários do Coração de Jesus, a Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo, a Companhia de Maria, a Sociedade das Filhas do Coração de Maria, as Filhas de Jesus, as Ursulinas da União Romana... É recomendável que o próprio formador ou formadora acompanhe esta experiência dos seus formandos.

Quando os Jesuítas faziam a Terceira Provação no Brasil, o Instrutor da mesma orientava os EE-30 dos terceranistas. Também, no final do CURFOPAL (Curso de Formação Permanente para América Latina, realizado anualmente em São Leopoldo, RS), podem ser feitos os EE completos.

Além destes casos institucionais, oferecem-se anualmente, no Brasil, diversos EE de 30 dias: os dois maiores Centros de Espiritualidade Inaciana do país (o CECREI, de São Leopoldo, RS, e o CEI-Itaici, SP) promovem anualmente dois grupos de EE-30, cada Centro. Outros grupos são promovidos no Nordeste (Baturité, CE e Teresina, PI). São organizados EE-30, também, em Maringá, PR (Centro de Espiritualidade Rainha da Paz) e em Miguel Pereira, RJ (Casa de Retiros Ermida). Tradicionalmente, a grande maioria dos grupos era composta por religiosas. Atualmente, porém, cresce a procura por parte de padres, religiosos e leigos(a). A experiência mostra, porém, ser necessário fazer uma cuidadosa preparação e uma seleção dos participantes.

2. Exercícios Espirituais completos em etapas. Dada a dificuldade atual de dispor de 30 dias seguidos para fazer os EE, especialmente para os(as) leigos(as), introduziu-se a modalidade de fazer os EE completos em três etapas de 8 dias, em períodos de férias. Os Centros Loyola de Fé e Cultura denominam esta modalidade de “etaponas”, para distingui-la das chamadas “etapitas”, realizadas em finais de

semana. Em alguns grupos, é notável a perseverança dos que iniciam e terminam esta modalidade de EE. Na última turma que fez a experiência em Itaiçi, das 35 pessoas que iniciaram a experiência, apenas duas desistiram.

3. Exercícios na Vida Cotidiana (EVC). A anotação 19 do livro dos EE prevê a possibilidade de fazer os EE ao longo da vida cotidiana. Em lugar de dedicar-se intensivamente à experiência dos EE, “quem estiver ocupado em cargos públicos ou negócios importantes, sendo pessoa culta ou capaz”, deve reservar hora e meia, cada dia, para realizar os exercícios.

Esquecidos, ao longo dos séculos, os Exercícios segundo a anotação 19 foram revalorizados nas últimas décadas. Pessoas sem disponibilidade de tempo para fazer os EE-30 tentam seguir o processo completo dos EE, ao longo de vários meses, com a vantagem de confrontá-lo com a realidade do dia-a-dia. Não faltam, porém, dificuldades. No meio da agitação da vida atual, é difícil conseguir a concentração e o silêncio interior exigidos pelos EE. Outra dificuldade é encontrar orientadores preparados e disponíveis para acompanhar a experiência.

No Brasil, a prática dos EVC entrou nos anos 70/80 e continua se expandindo, com bons frutos. O nível do conteúdo destes EVC costuma ser o dos EE leves, segundo a anotação 18 dos EE, dos quais falaremos logo mais. Na periferia de João Pessoa, PB, onde está o Juniorado interprovincial da Companhia de Jesus no Brasil, os estudantes jesuítas, com apoio de um padre, acompanham os EVC de grupos populares, inicialmente numerosos.

Quem persevera nos EVC cresce na sua vida de oração, na familiaridade com Deus, ao longo do dia, e na relação pessoal com Jesus Cristo. Outro fruto costuma ser o maior zelo apostólico, que impulsiona a transmitir a outros a experiência feita. Para tanto, é cada dia mais necessário organizar cursos de capacitação para orientadores e acompanhantes de Exercícios.

Os estudantes jesuítas, no ano que precede à ordenação sacerdotal, participam do chamado “mês Arrupe”. Neste, fazem doze dias de EE, em forma personalizada. Depois, o estudante continua os EE na vida cotidiana.

4. Exercícios Espirituais reduzidos ou abreviados¹⁸. Nesta modalidade de EE anuais, o itinerário inaciano de 30 dias é reduzido a 6 ou 8 dias. A CRB, algum tempo atrás, promovia “Retiros inter-

¹⁸ M. RUIZ JURADO, *Prática dos Exercícios abreviados* = Experiência inaciana, 5, São Paulo: Loyola, 1989.

congregacionais” de cinco ou seis dias. Se o “pregador” ou “assessor” era jesuíta, provavelmente, dedicaria um dia à introdução e Princípio e Fundamento, outro dia à Primeira Semana, dois dias à Segunda e mais um dia ou dois à Terceira e Quarta Semanas. A Contemplação para alcançar Amor seria proposta como “dever de casa”.

Entre jesuítas e outros grupos de espiritualidade inaciana, a duração mais comum para o “Retiro anual” é o de oito dias. É inevitável, porém, que a redução dos EE suponha a perda de intensidade da experiência. Por outra parte, a repetição anual dos EE poderá cair na rotina e no desinteresse do *déjà vu*. O Retiro anual perde o atrativo da novidade. Para evitar isso, alguns orientadores costumam centrar o Retiro em um ou outro tema ou aspecto da vida cristã, ou em um livro da Bíblia, no estilo consagrado pelo Cardeal Martini. Evita-se a rotina, mas corre-se o risco de transformar o Retiro em curso, onde a novidade das idéias prevalece sobre a experiência de oração e de discernimento pessoal. O “Retiro anual”, apesar de suas limitações, continua ajudando a muitas pessoas comprometidas no serviço de Deus e dos mais pobres.

5. Exercícios Espirituais leves, segundo a anotação 18. Os EE de Santo Inácio são uma experiência exigente. O próprio Inácio insistia em que os EE completos se dessem a poucas pessoas. A anotação 18 diz que devem dar-se “exercícios leves” aos que são “rudes” ou pouco preparados (EE 18). Esta norma não nasce de um preconceituoso elitismo espiritual, muito menos social, nasce simplesmente do realismo e do bom senso pastoral de Inácio. Os EE devem adaptar-se à disposição das pessoas que desejam fazê-los.

Hoje, constatamos a necessidade de preparar as pessoas, antes de lhes dar os EE. Para tanto, devem ser feitas pequenas experiências de oração, introdução ao silêncio e ao espírito das adições. Quanto à metodologia dos EE, é fundamental aplicá-la com flexibilidade. Os diversos modos de orar inacianos devem ajudar o exercitante a encontrar seu próprio modo de orar. Já Paulo VI, nos dias do Concílio Vaticano II, convidava os membros da Federação Italiana de Exercícios a empenhar-se na renovação dos EE, tornando-os mais adequados às necessidades espirituais do nosso tempo, evitando a “repetição formalista e preguiçosa” do esquema inaciano¹⁹.

No Brasil, os EE segundo a anotação 18, destinados aos leigos, estão em um momento de crescimento. Em Itaici, os Exercícios para Leigos percorrem as Quatro Semanas dos EE em seis etapas de final de sema-

¹⁹ Carta autógrafa de S. S. Paulo VI a Mons. Giuseppe Almici, presidente da FIES, 21 de dezembro de 1964.

na (EEL-1, EEL-2, EEL-3 e EEL-4) ou de quatro dias (EEL-5 e EEL-6). Nos Centros Loyola do Rio de Janeiro e São Paulo, são chamadas de “etapitas”. A Província do Brasil Meridional realiza um programa de EE para leigos colaboradores nas obras da Companhia.

Outra modalidade em crescimento, no Brasil, são os “Retiros paroquiais”, concentrados no final de semana. Eles introduzem nos modos de orar inicianos e suscitam em muitos o desejo de fazerem EE mais profundos. Obviamente, tais Retiros dependem da boa vontade dos párocos. A Província do Brasil Meridional, que concentra o maior número de Paróquias confiadas à Companhia, tem motivado e treinado os párocos para introduzirem nas suas paróquias os Retiros.

6. Exercícios Espirituais personalizados. Toda experiência de EE inicianos deve ser pessoal, mas chamamos “EE personalizados” aqueles EE em que não há palestras para um grupo de pessoas, que fazem simultaneamente a experiência. Sabemos que os EE nasceram assim: uma pessoa “dava modo e ordem de meditar ou contemplar” a quem fazia os EE. O sucesso dos EE e a escassez de orientadores trouxeram a formação de grupos, com a introdução de palestras, a redução do tempo de oração pessoal e a supressão do atendimento individual. A renovação dos EE, depois do Concílio Vaticano II, trouxe de volta os EE personalizados, também chamados de “dirigidos” ou “guiados individualmente”. A grande vantagem desta modalidade é que o exercitante pode ir ao seu ritmo, detendo-se e insistindo mais naqueles temas ou textos que o afetam mais. No Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI, São Leopoldo, RS), atualmente, a maioria dos Retiros oferecidos são personalizados.

7. Exercícios Espirituais para diversas categorias de pessoas. Na sua origem, os EE eram dados a uma só pessoa. Hoje, nos Retiros a grupos, é mais difícil adaptar-se às necessidades individuais de cada pessoa. A dificuldade é menor, quando o grupo é homogêneo. Assim, surgiram os Retiros para padres, seminaristas, religiosas, casais, diversas categorias de profissionais, agentes de pastoral ou membros de diversos movimentos eclesiais.

A CNBB promoveu diversos encontros para tratar dos “Retiros do clero”. Estes dificilmente seguem a metodologia iniciano. Em todas as Dioceses do Brasil, há padres que desejam o clima de silêncio e outros que não o aceitam. A solução mais viável seria oferecer, opcionalmente, dois tipos de Retiro ao clero da mesma Diocese. Mas, com isso — lamentam alguns —, perde-se um momento forte de unidade do clero da Diocese.

No Brasil, existem boas experiências de pastoral de juventude e de adaptação dos EE para jovens. Em Porto Alegre, o Instituto de Pasto-

ral da Juventude (IPJ), de caráter intercongregacional, é um Centro de referência para a PJ em todo o país. Em São Paulo, o Centro de Pastoral de Juventude “Anchietanum” dá EE para jovens, em 5 etapas de final de semana²⁰. No Nordeste (Fortaleza, João Pessoa e Recife), a Equipe vocacional dos jesuítas dá diversos níveis de Retiros para jovens: “Pai Nosso”, “Oração e Libertação”, “Seguimento de Jesus”, “Projeto de Vida” e “Retiro de Opção de Vida” (ROV). Em Retiros especificamente vocacionais, os orientadores e orientadoras devem respeitar a norma inaciana de ficar “como o fiel de uma balança” (EE 15), sem influenciar o candidato ou candidata para que opte pelo próprio Instituto.

Conclusão

No imediato pós-Concílio, um autor afirmava que, nos últimos quatro séculos, não havia surgido outro meio mais eficaz, para transformar um pecador em justo e um justo em santo, do que os EE de Santo Inácio²¹. Sem fazer comparações, a nossa experiência nos permite afirmar que os EE inacianos são um método muito eficaz para ordenar a vida das pessoas que os praticam com a devida preparação e empenho.

Os Papas, ao longo dos séculos, têm manifestado o desejo de que os EE sejam uma arma pastoral ao serviço de toda a Igreja. Pio XI o proclamou com a máxima solenidade²². Hoje, precisamos insistir ainda em que os EE não são propriedade exclusiva da Companhia de Jesus. A espiritualidade inaciana é mais ampla do que a espiritualidade dos jesuítas, embora certamente estes ocupem um lugar central no universo inaciano.

Visando ampliar e aprimorar a prática dos EE na Igreja do Brasil, seria desejável que os Centros de Espiritualidade e as Casas de Retiros com capacidade para promover EE inacianos mantivessem maior contato entre si. Se as distâncias geográficas e as agendas sobrecarregadas dificultam o contato pessoal, a Internet favoreceria um contato eletrônico permanente.

²⁰ L. A. SEFRIN, “Exercícios Espirituais em etapas para jovens”, *Itaici*, nº 45 (2001) 89-91.

²¹ F. CICCOTTI, *Da S. Ignazio a Cristo*. Firenze: 1966. Separata da *Rivista di Ascética e Mística*, 1966, n. Experiência inaciana, 5º 1.

²² Cf. PIUS PP. XI, Litt. Enc. *Mens Nostra* de usu Exercitiorum spiritualium magis magisque promovendo, 20 decembris 1929: AAS 21 (1929) 689-706. Outros documentos do Magistério sobre os EE, em: C.-H. MARIN, *Spiritualia Exercitia secundum Romanorum Pontificum Documenta*. Barcelona: Ed. Librería Religiosa, 1941.

Há dificuldades que são comuns a todos os Centros e Casas de Retiros. A primeira é a sua manutenção econômica. Os grupos de EE inacianos, na sua grande maioria, são economicamente deficitários. As Casas de Retiros sobrevivem graças aos encontros, eclesiais ou de outras entidades, e ao respaldo econômico-financeiro da Congregação religiosa ou Diocese que as sustenta. Leigos e religiosos(as), padres e bispos brasileiros acham elevadas as diárias das Casas de Retiros, mesmo estando abaixo do custo de um modesto hotel ou pensão.

Constata-se, também, a necessidade de continuar investindo na formação de orientadores e acompanhantes. Os Institutos religiosos costumam empenhar-se na formação dos seus próprios coordenadores e formadores. A CRB e a “Escola de Formadores” muito têm ajudado neste campo. É claro que os religiosos e religiosas, assim formados, ficam absorvidos pelas necessidades do próprio Instituto. O clero brasileiro tem feito esforços para aprimorar a formação espiritual dos seus quadros, através da OSIB (Organização de Seminários e Institutos Brasileiros) e da Comissão da CNBB para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada. Finalmente, somos cada dia mais conscientes da necessidade de investir na formação teológica, espiritual e pastoral dos leigos.

Luís González-Quevedo SJ, é licenciado em Direito (Universidade Complutense, Madri) e em Teologia (Faculdade “Cristo Rei”, São Leopoldo, RS). É membro da equipe do Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici e redator de *Itaici. Revista de Espiritualidade Inaciana*.

Endereço: Cx. Postal 9
13330-970 Indaiatuba, SP.
e-mail: luisquevedosj@apoiocom.com.br.